



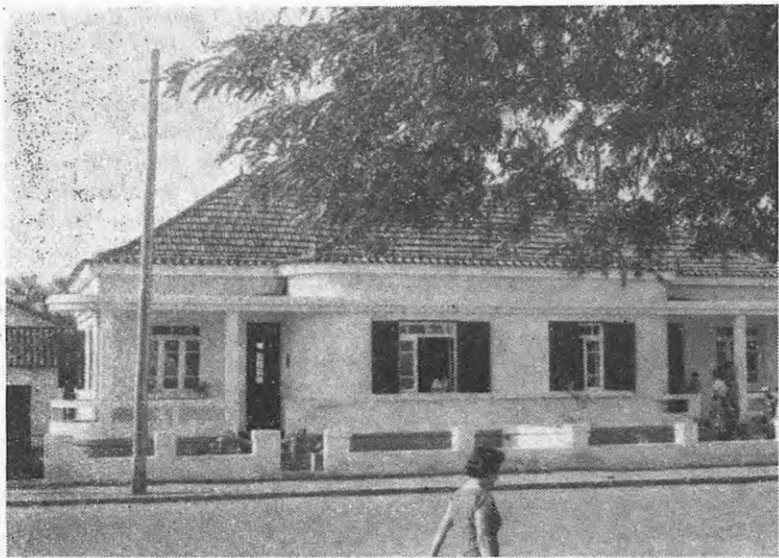
# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

15 DE FEVEREIRO DE 1964  
ANO XX — N.º 520 — Preço 180

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS  
FUNDADOR: Padre Américo  
VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENCA ★ QUINZENÁRIO  
COMPOSEU E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



Esta é a casa na cidade onde morámos até ao fim de 1963

## Malanje

**INAUGURAÇÃO** — Já lá vai aproximadamente um mês que esta nossa casa foi oficialmente inaugurada, para nosso bem; bem de quem nos ama porque é amado e para benefício da nossa Pátria que neste momento tanto carece de todos os portugueses de bem.

E é consolador ver a compreensão do Povo e das entidades oficiais em nos ajudar. É bom que assim seja sempre. Pois não há nada mais sublime do que ver todos de mãos dadas. Ajudar a Obra da Rua é ajudar a moldar futuros homens úteis ao País. E isto enriquece-o. A Obra existe para os homens por amor de Deus e jamais deixará de existir enquanto houver uma criança sem lar.

É certo que esperamos mais tarde que a quinta, dadas as dimensões espaçosas e a fatura de água, nos permita colher grande parte do que precisamos, mas sem todavia prescindirmos da caridade de todos. Ricos ou Pobres, seja qual for a sua cor, raça, ou credo. Poderemos mesmo dizer que não nos bastaremos. E, por isso, precisamos sempre de quem nos ajude, já que o grosso da nossa comunidade será constituída por crianças como em todas as Casas do Gaiato. Pois nunca é demais dizer que a Obra é «de rapazes, para rapazes, pelos rapazes».

Foi, sim, no dia do Santíssimo Nome de Jesus — o único que

cura e cicatriza as feridas da alma — que mais uma vez juntámos as mãos e as erguemos ao Céu num «Te Deum Laudamus», perante a inauguração solene e bênção da 1.ª pedra.

Como sempre, correu tudo com muita simplicidade. E a prata da casa é que serviu.

Depois do Senhor Bispo ter celebrado o Santo Sacrifício, num altar feito à última hora e muito rústico, seguiu-se a bênção da primeira pedra, a qual é a primeira do cruzeiro da futura Aldeia.

Tem sido pela Cruz que temos começado todas as nossas

Cont. na TERCEIRA página



Estas são as casitas do Culamuxito, onde remediámos desde 1 de Janeiro, até se construir a primeira casa da nossa Aldeia

Hoje foi dia de correio. Um mundo de notícias! Algumas não muito recentes — as daquelas cartas que andaram atrás de mim de Angola a Moçambique e de Moçambique a Angola. Tive-as de casa; de tropas nossos que andam por aí; de Amigos... E juntamente veio a grande Carta da Família que é o nosso jornal. Refiro-me ao número de 1 de Fevereiro e faço o meu Cantinho de hoje para vós, do «Setúbal» que Senhor P.e Acílio escreveu.

Quero reafirmar-vos o que ele diz: — Rapaz que viva em nossas Casas durante um período de tempo mais ou menos longo, é homem marcado para toda a vida.

Argumentos?... — mos dá o próprio correio de hoje.

Alguém, 3 de Janeiro de 1964  
«...Sinto-me sem apoio moral e espiritual. Dois anos, aliás 27 meses de Angola, sendo 22 de matos, é deveras muito duro e difícil de aguentar. O nunca me faltará nada (graças a Deus) me levou a ser tão mesquinho como conheço que sou. Mas agora sei mais um pouco de quanto é preciso trabalhar para sermos alguém.

Senti muito a falta dos carinhos que sempre na nossa Obra tive. Senti muito. Sempre foram 15 anos de Gaiato! Nunca levei a vida a sério. Nunca liguei ao que me disseram. Sempre a vaidade a sobrepôr-se a tudo. Reparo que não pode de maneira nenhuma ser assim. Faço brevemente 24 anos e não posso nem quero ser o mesmo. Quero ser outro. Terei mesmo que o ser para poder singrar na vida. Mas também sei muito bem que sô-

## Cantinho DOS RAPAZES

zinho nada faço, embora sempre estupidamente acreditasse que sozinho faria algo. Oh quanto estúpido eu sou! Reconheço mas enfim... Que Deus me ajude. Que Deus me perdoe. Tristemente olho para trás de mim e não vejo nada de útil em 15 anos. E tanto que podia ter aproveitado! Tanto que continuo a perder! Que sombra de mim mesmo!

Se Deus me permitir, dia 27 deste mesmo mês devo estar em casa. Até lá, nada mais desejo do que recomeçar a minha vida. Assistir ao que aqui não tenho forças para me abeirar. Influências... Até nisto me deixei influenciar. Valha-me Deus!

O Natal foi triste. Três, longe, são muitos. Saudades e boa via-

gem. Que Deus o ilumine e me ajude».

Que hei-de dizer-vos desta carta senão o que ela diz do seu autor: homem marcado para toda a vida!

\* \* \*

Em Moçambique, estive com todos os nossos, sem falta de nenhum. Lourenço Marques, Guijá, Beira, Luabo, Nampula, Vila Pery — foram os lugares do encontro. Uns na tropa; outros em situações modestas; outros bem lançados na vida. Uns que foram fáceis desde a primeira hora; outros que só deram pela Obra depois que a deixaram. Em

Continua na QUARTA página

## Festas

Bem queria eu compor uma prosa bonita a condizer com as nossas Festas. Mas eles não me deixam. É de todo o lado a vir recados, sem falar nos do telefone; é o Júlio a perguntar se a notícia já está pronta para seguir para a máquina de compor; e eu a espremer-me por todos os lados, menos pela ponta da lapiseira que acaba por nada escrever.

Mas já que Júlio não me deixa sem duas letras aí vão e agradáveis.

A primeira confirma que Setúbal, Coimbra e Lisboa, como nos mais anos e em datas a anunciar, vão ter a sua Festa. Do Coliseu só falta acertar a data; mas os senhores estejam descansados — será publicada já no próximo número.

A segunda diz que Braga não quer ficar atrás. «O Senhor do Teatro manda dizer que sempre e até todas as vezes que se queira, a porta está aberta. Uma categoria!» — diz o «Campanera» que andou por lá a tratar das coisas.

Padre José Maria

# Benguela

## Venda de «O Gaiato»

Tem sido uma alegria. Os vendedores andam radiantes. Os jornais esgotam-se e não chegam a todas as mãos que o pedem. Quase não há escritório conhecido, armazém ou loja, repartição pública, banco e café, onde «O Gaiato» não tenha entrada de 15 em 15 dias. Mais: não raro é o próprio gerente ou funcionário superior que o toma pela mão e lhe faz as honras da casa. «O Gaiato» entra em toda a parte. Anda no carro de luxo, como é lido pelo motorista de praça, sentado sobre o motor do seu carro, enquanto espera os clientes. E, onde entra, começa a fazer das «suas». Ele é «desordeiro».

Mas «O Gaiato» não descança, enquanto houver mãos que podem e não pegam nele. Depois de Benguela, é o assalto ao Lobito. O reconhecimento está feito. Todos os 15 dias, seis soldados da paz, de palmo e meio, saem prá rua com «O Gaiato». Que ninguém deixe de o ler. Que ninguém tenha medo dele, ainda que por vezes escale como brasas vivas. É remédio que cura. Ao princípio eram 200; depois 300; depois 600; depois 800. Agora são 1.000. E depois?...

Há, contudo, um pormenor que não queria deixar passar sem lhe fazer referência. O pequeno que te leva o jornal,

não vai pedir-te uma esmola. Quer que tu leias «O Gaiato». Fica triste quando lhe entregas a moeda, como quem dá uma esmola, e não ficas com o jornal. Então, talvez fosse preferível não dares nada. Depois de mil, vamos para os mil e quinhentos jornais?

\*\*\*

Muito nos tendes dado, graças a Deus. Fomos buscar os mil do costume à «Casa Branca». Quinhentos que mão amiga do Lobito nos veio trazer. Quero lembrar que temos conta aberta em todas as agências do Banco de Angola, em nome da Casa do Gaiato. Isto poupar-vos-á tempo e trabalho. Vieram dois tachos de alu-

mínio trazidos por quem muito nos quer na Lugral. 80m2 de tecto de lusalite e 20m de tubo também da Lugral. Um casal amigo prometeu-nos ovos e alimentos para o aviário que queremos pôr a funcionar. Precisamos de alguma mobília, mas não temos madeira para a fazer. Os velhinhos do Albergue também querem roupas, mas não as temos para lhas dar. Alguns deles dormem no chão. Se souberem onde está uma rede de voleibol e a respectiva bola, digam que vamos buscá-la. Pedimos um ferro eléctrico e já o temos. Veio pelas mãos de um dos vendedores do jornal.

Casa do Gaiato de Benguela — C. P. 820.

P.e Manuel António

# Aqui Lisboa

«Ti» Ventura tem quase setenta anos. De barba e cabelos grandes e brancos, corpo arqueado, aparentando mais idade, é visita regular à hora do nosso caldo. Os nossos cozinheiros conhecem-no bem e costumam a servi-lo do que há. Durante o dia, saco às costas, amparado a um bordão, vai pedindo esmola; à noite tem por cama qualquer sítio.

«Ti» Ventura tem sido para mim uma espada atravessada no peito. No outro dia fui surpreendê-lo, horas adiantadas da noite, dormindo nas pedras do átrio da nossa igreja. Fazia um frio de gelar os ossos e, à falta de outra cama, ocorreu-me deitá-lo na minha.

Vivi, por momentos, um drama, entrei na igreja e, com argumentos mais ou menos egoístas, fui comodamente deitar-me. Entretanto, lá fora, um irmão meu, o «Ti» Ventura, filho do mesmo Pai, sofria as inclemências do tempo e o abandono a que o votara. Francisco de Assis não procederia assim e, no entanto, viveu a muitos séculos de distância da era transplanetária. Confesso o meu pecado publicamente: de futuro quero ser, de «Ti» Ventura, verdadeiramente irmão, como, desta vez, não consegui.

«Ti» Ventura era trabalhador rural. Natural de uma vila estremenha, toda a sua vida se dedicou aos trabalhos agrícolas. Durante anos e anos regou com o suor do seu rosto as terras onde exerceu duro labor. Cansado, velho e doente, sem pensão, reforma ou seguro, desprovido de família, só lhe resta aguardar pensosamente o dia do juízo.

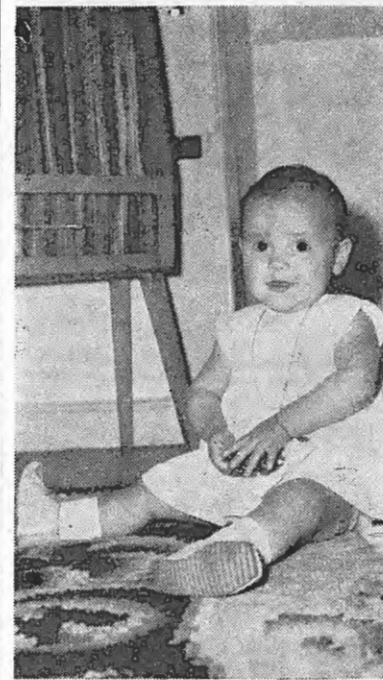
Foi e é assim a vida do «Ti» Ventura, mas, salvo aspectos particulares, poder-se-ia dizer o mesmo de inúmeros trabalhadores rurais. Sem trabalho certo, sem previdência ou assistência, labutando de sol a sol uma vida inteira, aguardam com marcada angústia o dia em que as forças físicas diminuem ou acabam por desaparecer.

Uma sociedade que se diz cristã não se pode alhear também da situação dos humildes trabalhadores dos campos, valores a

# TRIBUNA de Coimbra

A festa do Natal até para os Pobres é festa. Há sempre alguma coisa de diferente das outras festas. Ricos e Pobres todos são lembrados, embora uns recebam prendas de poucos tostões e outros centenas de escudos.

Também para nós é a festa dos mimos; começaram em meio de Outubro: cinquenta de visitantes; várias vezes 10 dólares do Alberto do Canadá; 50 mais 50 de visitantes; 25 em carta; roupas do Luso e Lisboa por al-



A filha do Manuel dos Santos Machado, de Coimbra.

ma de quem as usou; duzentos no Castelo para o Calvário; 2.500\$00 da Câmara de Coimbra e mil da Câmara de Miranda do Corvo e provas de muita amizade; dez no trolei; cem na visita a médico doente; cem a um vendedor em Coimbra.

Uma casa de Coimbra para o Património dos Pobres por uma filhinha que Deus levou; a 2.ª prestação de mil de uma tripeira em Coimbra; muitas lembranças de Algés, Grândola, Lisboa, Loriga, Coimbra, Porto, etc. para a família dos catorze filhos, que se sente feliz; 600 da Vila União, de Coimbra; dois encontros de

proteger e defender. Pouco ou quase nada se tem feito por eles; acudir a situação tão melindrosa não é mais do que um imperativo de justiça, pois, sem esta, não é legítimo falar em caridade. Trabalhar uma vida inteira para, no fim, ter como certo andar às sopas de cada um, sem lugar para reclinar a cabeça, desprezado ou considerado como incómodo, não me parece coadunar-se com a vivência dum cristianismo integral e autêntico.

Deixo estas linhas para meditações. Entretanto, vou pedir ao Padre Baptista que leve para o Calvário o «Ti» Ventura. Até lá não me abandonarão os remorsos daquela noite...

50 com Dr. Juiz sempre de braços abertos na rua; e 50 de seu sogro; cem de rapaz nosso pela mão do filhinho mais novo. Quanto me encheu a alma!

Cinquenta no Castelo; cem de visitantes; cinquenta para os doentinhos; um embrulho de lençóis e 200\$00 da Praça de Damão; 620 do Pessoal do Salão Azul de Coimbra; 250 da Auto-Industrial; os mimos da Triunfo; 500 do Grémio dos Industriais de Arroz; 300 de Médico amigo, de Leiria; 20 do primeiro ordenado; quarenta de visinho que se habituou a lembrá-los; cem de Senhora que sempre nos recorda; 20 levados ao Lar; 20 de Oeiras; outra vez as Amiguitas com 400; as coisas para as boroinhas, de Armazem; um saco de figos de outro; uma peça de flanela de outro; outra peça de flanela de loja; 120 dum Sindicato.

Vinte mais 50, mais 50 em Santa Cruz; 3 garrafas de vinho do Porto; senhas de mercearia; rebuçados da 9.ª secção dos Empregados dos Produtores de Trigo; muitas coisas no Bazar do Porto; uma grande caixa de boroinhas trazidas por dois pequeninos no dia da 1.ª Comunhão. Que delicadeza espiritual a daqueles pais!

Cinquenta ao vendedor da Lousã; 50 levados ao Lar; a visita do dia de Natal do Senhor Doutor de há muitos anos que este ano já tem a esposa no Céu. Veio com o filho e o carro cheio.

Doze cobertores para os Pobres, de Advogado com muito espírito cristão; 200 da Farmácia Normal, de Lisboa; 100 da fábrica de arroz de Taveiro; 250 da Senhora de sempre; 100 da S. N. Sabões; 200 por alma do marido que nos foi muito dedicado; solas da fábrica de curtumes de Coimbra; dois cobertores levados ao Lar; 50 mais 50 em carta; 100 de uma pecadora com muita esperança; 500 e bolos-rei, laranjas e a visita do Amigo da 1.ª hora com a Esposa; 90 de visitantes; 3 camisolas compradas em leilão e vale de 200 de quem muito nos estima; um embrulho e 50 no Castelo.

Vinte e mais 120 em Santa Cruz; 60 pares de peúgas e muita simpatia; 500 de casal visinho; 500 no fim da Missa de Natal, de quem tem recebido também muitas provas de amizade do Senhor; embrulho de roupas ao vendedor da Figueira; embrulhos aos vendedores da Covilhã e Castelo Branco; 500 a um vendedor em Coimbra, pelo bom resultado da operação do filho; 50 de acção de graças; 500 do primeiro ordenado em Coimbra, de gerente dum banco que prometeu lembrar-nos todos os meses; o pagamento de uma dívida de há 13 anos que só a delicadeza do devedor se lembrou. Louvado seja o Senhor.

PADRE LUIZ

Padre Horácio



## Uma Carta

«O Jornal do Gaiato, de 7 de Dezembro, impressionou-me bastante por causa do famoso «Diálogo» entre o Américo e o Rev.º Padre José Maria. A sua confissão tão sincera, que se manifestou nas suas palavras: «Sinto uma ansia de pagar com bem o mal que fiz». Américo! Se toda a gente fosse capaz de falar assim, o mundo ia melhor. Reparar o mal que fizemos, todos nós, que somos tão grandes pecadores.

Quantas vezes ouvimos dizer uns, para rezarmos pelos pecadores. E sinceramente, aquela gente pensa que os pecadores são os outros, não eles mesmos. Assim já foi no tempo de Nosso Senhor e é hoje a mesma coisa. Entre nós cristãos quantos falam como o fariseu; eles os pecadores... nós os escolhidos. Sabem eles, que a raiz do pecado do «outro» está justamente no nosso ser; no nosso egoísmo, no nosso orgulho, na nossa dureza de coração, na nossa falta de caridade, na nossa ganância e leviandade. Não há pecador individual. Todos os pecados têm as suas raízes na nossa sociedade, no nosso próximo. A comunidade cristã é uma comunidade de pecadores comuns, no caminho da salvação comum. Penso que o individualismo religioso, chamo o egoísmo religioso, tem levado a nossa sociedade cristã a este estado de esterilidade espiritual. Se Nosso Senhor viesse outra vez a este mundo, seria crucificado pelos mesmos como anteriormente».

# «O Gaiato» ★

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

# Malanje

# ORDINS

Cont. da PRIMEIRA página

Casas, a fundar de raiz. Foi com a cruz que os nossos antepassados marcaram estas terras e, por conseguinte, será pela mesma Cruz que esta nossa Angola há-de ser conquistada para o Amor.

O Senhor Governador do Distrito, também não faltou em companhia de Sua Esposa, assim como alguns amigos da 1.ª hora. E não podemos esquecer a presença dos Cristãos das cubatas mais próximas. Com a sua presença e cantares em quimbundo, deram mais realce aos Actos. E desde então estas centenas de pessoas têm sido pontuais nas nossas Missas Dominicais, no fim das quais lhes é ensinada a catequese.

Pelo meio-dia, foi servido um almoço feito à nossa moda, onde o Sr. Padre Carlos e a Emília se destacaram como bons cozinheiros.

Esta festa foi tão simples e familiar que até as tão faladas «chaves do cemitério» — uma chave muito grande e ferrugenta — que veio de Paço de Sousa, não sei com quem, foi entregue ao Sr. Padre Carlos perante a boa disposição da assistência. Isto é a Casa do Gaiato!

**TRABALHO** — A propriedade continua, embora devagar, a caminhar para o progresso e alindamento. O desvasto do arvoredo; o destroncamento e as queimadas sucedem-se. Depois segue-se o rodar das rodas do tractor sobre aquelas ricas terras há muito ansiosas por serem revolvidas. Depois de duplamente lavradas e gradadas, e-las prontas para a sementeira.

**TABACO** — A semente da dita planta foi lançada à terra em viveiros. Agora só esperamos que a Natureza seja nossa amiga. Depois, segue-se a plantação deste, no terreno que já andamos a preparar.

**HORTA** — Mesmo com os malvados macacos em cima das sementeiras, já temos saboreado uns caldinhos feitos com as nossas hortaliças. De vez em quando ainda temos que comprar, mas lá virá o tempo em que as nossas terras hão-de dar toda a espécie de hortaliça e legumes, com fartura.

**PINTOS** — Já os temos, graças aos Serviços de Veterinária. Em resposta a uma nossa cartinha vieram 200! Bem haja snr. Presidente da dita Organização. E não se esqueça de quando receber outra cartinha fazer na mesma.

**OVOS** — Com estes é que estamos mal. Pelo Natal os nossos amigos de Malanje deram-

nos muitos e nós com medo que eles se estragassem fomo-los comendo amiudadas vezes e agora lá se foram!

Como dizem para aí que eles não têm grande saída... Quem se lembra dos Gaiatos?

**CABRITOS** — Dos vários que nos ofereceram pelas festas ainda restam três. O Sr. Padre Telmo queria ver se eles nos duravam mais algum tempo, mas não pode ser e assim um a um «têm levado o arroz».

É que diz ele: «Enquanto a universidade do «Faniqueira», não tiver um pastor — pois ele como professor não presta — não quero nada com esta raça». E a malta não se importa mesmo nada, pois se eles sabem tão bem com gindug!... Assim preparados sempre gostamos mais deles do que a darem-nos cabo da horta. Para isso chegam os macacos.

E por falar nestes bichanos; num dia destes o Quim e mais não sei quem, foram à caça deles e foram caçados. Chegaram ao pé de nós a bufar dizendo que eles os correram com paus e batiam com os mesmos nas árvores a avisarem os outros. Será verdade ou uma valente «regadela»? Ná! para água basta a das chuvas!

**OBRAS** — O acampamento indígena que já existia, conforme tiveram ocasião de ver em gravura publicada no «Famoso», foi arranjado e já lá estamos a viver. Mas os domingos são passados na cidade, onde há um pouco mais de conforto e comodidade.

Durante a semana, só a Emília e os dois pequenos que andam na escola ficam em casa. E mais eu que venho todos os dias no fim da labuta.

Do refeitório já existente fizemos a Capela-Refeitório, mais uma dispensazinha. E no quarto anexo foi improvisado o escritório do Snr. Padre Telmo.

Das outras três casitas, duas delas são os dormitórios com a sua devida sala de jogos ao meio; e a terceira está reservada — até ver — para oficinas e arrecadação da ferramenta agrícola manual.

Como não tínhamos garagem o Sr. Padre Telmo engendrou uma à qual chamamos «Garagem Estrela». Ao menos assim não há veículo, nem alfaias, que lá não caibam.

A cozinha também é da autoria do Pai de Família; mas esta tem telhado e é uma categoria!

Como tivemos que destruir a outra, provisória, também, por via da capela, toca a descobrir tijolos no antigo forno dos mes-

mos e nas habitações destruídas pelo tempo e com os ricos achados fez-se uma bela cozinha que serve muito bem até à construção da Casa-Mãe.

Nestas Obras toda a gente fez de trolha, mas o Nelo distinguiu-se. E nem o Sr. Padre Telmo escapou à trolhice!

Quando estava a ver como corriam as coisas, foi caído de cima a baixo por um jacto de cal líquida que, sem ninguém contar, saiu do pulverizador!

Se ele estivesse de batina era uma vez uma!...

Assim, foi uma risota. E ouvi dizer que o Neca também foi atingido! Seria?!

**ENFIM** — Quem viu e quem vê a quinta de Cula-Muxito já encontra nela grande diferença. E daqui a mais algum tempo será ainda mais bela quando, perante aquela natureza fresca e sábia, começarem a desabrochar, juntamente com o cantar dos passarinhos, os corações dos futuros gaiatos angolanos.

Fernando Dias



Eu queria dizer algo mais, mas, por hoje, tenho de me limitar a responder a Senhora de Viseu, que nos mandou uma esmola e pergunta, como têm feito outros visienses, porque razão não vão as belenitas à Missa à cidade, nem vendem o jornal às portas das igrejas.

As belenitas, desde que mudámos para esta casa, só excepcionalmente irão à Missa a qualquer igreja da cidade porque nos fica muito longe. Costumam ir à Missa das 10 horas, na Capela de Vildemoinhos.

De resto, com a mudança de casa mudámos de freguesia. Pertencemos agora à freguesia de S. Salvador e todo o católico esclarecido sabe que deve preferir sempre a Missa da sua freguesia.

Deixaram de vender o jornal quinzenalmente, à porta das Igrejas, pelo mesmo motivo. Só poderão voltar a vendê-lo quando aqui em casa houver alguém com tempo disponível para as acompanhar nesse giro. As vendedoras são muito pequenas, são meninas, e não podemos deixá-las andar até às duas da tarde por lá, sem ninguém que olhe por elas.

Até os rapazes correm nas ruas perigos de toda a ordem, quanto mais as meninas.

O ideal seria que todas as pessoas assinassem o jornal.

As pessoas que não possam ou não queiram vir entregar a «Be-

Vou hoje conversar um pouco com os nossos Amigos.

Começo por vos agradecer a correspondência valiosa em ajudardes a quem quer trabalhar. Sem as vossas encomendas, nunca será possível manter esta Obra, tanto do agrado do inesquecível Pai Américo. Embora tivesse visto pouco dela já lhe adivinhava o alcance — alcance que só pode continuar pela vossa generosidade.

Tudo é grande, se nos ajudamos mutuamente. No dizer de alguém: criminoso aquele que nada faz por si e pelo bem comum.

O cristão verdadeiro deve tornar mais presente, e sobretudo mais eficaz, o Reino de Deus, em todos os estados da actividade humana, tanto na vida privada como na vida pública.

Se todos meditásemos bem na humildade do Presépio,

como o mundo seria bem melhor do que tem sido!

É sempre tempo de começar. Por isso, neste ano que agora começa, continuamos a ter esperança no vosso auxílio. Tanto mais que temos uma tecedeira doente. Vai para dois anos que se não levanta. Vive com a mãe, velhinha e também doente, a quem temos socorrido, na medida das nossas possibilidades. Há casas para consertar... e tantos casos a resolver... Se vos privásseis de uma ida ao cinema, que por vezes mata... em vez de fazer bem... Enfim, tantos pequenos sacrifícios que se poderiam fazer, a favor dos nossos irmãos menos favorecidos. Ainda, há dias, recebi carta de uma senhora de Lisboa, onde mostra a sua alegria, por ver, de novo, no «Famoso», falar com interesse de Ordins; e traduz a sua alegria em obras.

Lisboa é que tem correspondido melhor aos nossos apelos. É caso para dizer que leva a camu sola amarela.

São muitos os que nos ajudam, mas comparando-os com os 50.000 leitores de «O Gaiato» que são: Uma gota de água no oceano. Entretanto, irá engrossando até formar um riachaloso. Assim espero.

Agora, um pedido das nossas pequenas aprendizagens de tecelagem — um relógio dizem elas que, se tivessem um relógio na parede, trabalhavam mais. Logo quando chegue o primeiro (e o segundo?) dizem que estamos servidos.

Um anónimo pergunta se temos cobertores. Só para o próximo Inverno conseguimos ter alguns. O preço é de 50\$00 por quilo.

Como a conversa já vai longa, ficamos por aqui.

PADRE VIEIRA

lém» as suas esmolas, podem deixá-las na «Casa Delfim Correia», à rua Formosa. Essa Casa tem à venda os trabalhos das Belenitas e receberá qualquer donativo ou recado para nós.

Também há quem entregue as suas esmolas na «Casa Marques & Vieira» e na do Senhor Nestor Vidal. Podem continuar a fazê-lo, pois tudo nos será entregue.

Passemos agora à nota de presenças, que não saiu no número anterior por absoluta falta de espaço.

O Padrinho da Janjinha, ou seja o Senhor que paga o sustento duma Belenita, mas dá sempre muito mais, começou o ano com mil mais quinhentos.

A Mãe Irene, sempre tão nossa amiga, também marcou presença com 150. Outra boa Amiga de Macieira, 50 mais 50, dela e duma amiga. 20 de Madame Baptista e uma carta muito amiga.

Da Cova da Iria voltou o Snr. P.e Bento com 500 em cheque, 20 de S. Pedro do Sul, pedindo orações. Jili enviou 50, contribuição do 5.º mês.

«Dou graças a Deus por poder mais este Natal enviar a lembrança habitual» — Vila Pery, Moçambique.

«Uma migalhinha para juntar a outras migalhinhas» — de uma viúva. 40 de Conceição de Coimbra e de S. João da Madeira 100. Metade de «uma mãe» de Lisboa.

O Casal dos 13 contos entregou outra prestação de 250, no dia da Sagrada Família. O «Mestre de Obras» de Águeda voltou com 3 de 100. Outra nota igual de «Maria Escondida».

Maria Cecília e Marido, presentes com a sua quota mensal. Nota de 20, de Paulino, do Porto.

Do Dafundo vieram roupas e ainda de outros lados. Da sapataria «Joia» do Porto, temos senha para levantar oito pares de calçado.

O assinante anónimo de Lisboa compareceu desta vez com 210 e dando graças por durante o ano de 63 ter podido aumentar gradualmente a sua contribuição.

Colega amiga, da Faniqueira,

Continua na QUARTA página



